



CAROLINA MARIA DE JESUS: SUA ESCRITA, SUA VIDA

Andréia Márcia de Castro Galvão*

Universidade do Minho – Portugal

oidegas@gmail.com

RESUMO: O objetivo desse ensaio é fazer uma reflexão sobre a vida de Carolina Maria de Jesus mediante suas três obras autobiográficas: *Quarto de despejo* (1960), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bibita* (1986). Acredita-se que Carolina tenha rompido com paradigmas sócio-culturais de sua época, na medida em que conseguiu, não obstante sua condição de extrema marginalidade, fazer-se 'ouvir' por meio da escrita de seu cotidiano. Nesse sentido, observadas algumas denúncias e reivindicações históricas da crítica feminista, é possível perceber que, à sua maneira, a autora conferiu um significado particular à sua condição de mulher, negra, pobre, escritora, mãe e, distanciando-se do 'ideal feminino', proclamou um 'empoderamento' invulgar, considerado o seu contexto de existência.

Palavras-chave: Escrita – Crítica feminista – Marginalidade – Ideal feminino – Empoderamento.

CAROLINA MARIA DE JESUS: WRITING AND LIFE

ABSTRACT: The purpose of this essay is to make a reflection about Carolina Maria de Jesus's life through three autobiographical works: *Quarto de despejo* (1960), *Casa de Alvenaria: diario de uma ex-favelada* (1961) and *Diario de Bibita* (1986). It is believed that Carolina has broken with social-cultural paradigms of her age, in so far as she has succeeded, despite her condition of extreme marginality, make herself 'heard' through the writing of her daily life. In this sense, observed some denunciations and historical claims of feminist criticism, it is possible to realize that, in her own way, the author has given a particular meaning to her status as a woman, black, poor, writer, mother and departing herself from the 'female ideal', has proclaimed an uncommon 'empowerment', considering her context of existence.

Keywords: Writing– Feminist Criticism – Marginality – Female Ideal – Empowerment.

Carolina Maria de Jesus, apesar de nunca ter tido um quarto só para si, escrevia.

Se Michel Foucault¹ anuncia a 'interdição da palavra' como um dos princípios de dominação e limitação do discurso, no sentido de que nem tudo pode ser dito por qualquer pessoa e em qualquer lugar, isso vale, tanto mais, poder-se-ia pressupor, se o

* Doutoranda do Programa Doutoral em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes, Culturas pela Universidade do Minho, Braga, Portugal.

¹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São paulo: Loyola, 1996.

discurso for feito por uma mulher, brasileira, semialfabetizada, negra e pobre, que fala, ou melhor, escreve, ao mesmo tempo, de desejos, amores, sonhos, abusos, opressões, violências... No entanto, em algum momento esse discurso ecoou.

Por meio da proposta de Adrienne Rich,² pode-se tentar 'localizar' Carolina que, 'por acaso' nasceu no interior do Brasil e que também 'por acaso' viveu a maior parte de sua vida na marginalidade social, devido, tanto à uma ascendência africana de ex-escravizados, quanto à uma vivência feita de migrações forçadas, no intento (quase sempre em vão) de fugir da miséria econômica. Carolina não fez propriamente uma escrita do 'corpo', aos moldes anunciados por Rich, mas assim como ela, teve marcados e quase plenamente definidos os lugares de acesso ou de interdição ao seu corpo, de mulher, negra. A narrativa de Carolina 'localiza-se' mais propriamente como uma escrita da 'vida', e por meio de uma apropriação vulgar do trecho abaixo, com a substituição de um único conceito ('corpo' por 'vida') tem-se claro o contexto de escrita de Carolina

Talvez tenhamos de ser mais específicos quando dizemos “o corpo”. Também “o” corpo se pode tornar abstrato. Quando escrevo “o corpo”, não vejo nada em particular. Escrever “o meu corpo” faz-me mergulhar numa experiência vivida, numa particularidade: vejo cicatrizes, desfigurações, descolorações, males, perdas, assim como coisas que me agradam [...].³

Carolina escreveu 'a sua vida'. Mas, dentro desta individualidade, refletiu e viu-se refletida, outras, como num espelho. Assim como na citação acima, a vida narrada por Carolina fala de 'coisas que agradam', como empoderamento, esperança, ascensão, conquistas, liberdade, mas fala também de desagradados, opressões, silenciamentos, miséria, violência, declínio. E Rich, ao se referir às lutas silenciosas e ao trabalho desvalorizado de mulheres esquecidas, é de Carolina que ela fala, e de outras tantas mulheres cujos nomes não se chega a conhecer.

[...] há mulheres, a levantar-se de madrugada, na escuridão que precede a luz, no lusco-fusco que antecede o nascer do Sol há mulheres a levantar-se mais cedo que os homens e as crianças, para quebrar o gelo, acender o fogão, preparar a papa, o café, o arroz; para passar as calças, para fazer tranças, para tirar a água do poço, para ferver a água para o chá, para preparar as crianças para ir para a escola, para colher os legumes e começar a caminhada para o

² RICH, Adrienne. “Notas para uma política da localização”. In: MACEDO, Ana Gabriela. (Org.). **Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo**. Lisboa: Cotovia Lda, 2002. P.15-36.

³ Ibid., p. 33.

mercado, para correr a apanhar o autocarro para o trabalho, este remunerado. Eu não sei quando é que a maioria das mulheres dorme.⁴

A proposta deste ensaio é refletir sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, pensando-a como uma mulher que rompeu paradigmas sócio-culturais de sua época, na medida em que conseguiu, não obstante sua condição de extrema marginalidade, fazer-se ouvir por meio da escrita de seu cotidiano, uma parcela da ginocrítica⁵ ainda a ser completamente revelada. Assim, tendo em mente algumas denúncias e reivindicações históricas da crítica feminista, será possível perceber que Carolina, à sua maneira, conferiu um significado particular à sua condição de mulher, distanciando-se do 'ideal feminino' e proclamando uma emancipação invulgar, considerado o seu contexto de existência. Nesse sentido, é importante ter em mente, consoante Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral,⁶ que a experiência como mulher é condicionada por diferentes fatores como: classe social, raça, nacionalidade, idade etc.

Nesta reflexão, serão tomadas como bases de leitura três obras autobiográficas de Carolina Maria de Jesus. Mesmo que esse tipo de escrita possa conter elementos de ficção e que a realidade narrada nem sempre corresponda àquela vivida, acredita-se que essas obras confessionais, na dinâmica de diários, possam proporcionar uma visão geral e ao mesmo tempo particularizada de sua história. Nesse sentido, apesar da constante criação e recriação de si como mulher e autora, é possível observar que elementos de sua infância e juventude, narrados em *Diário de Bibita*, por exemplo, marcaram tão profundamente seu modo de ver e se ver no mundo, que encontram-se presentes também na narrativa de *Quarto de despejo*, sua obra de maior sucesso editorial, numa ação/reflexão com base no passado, no presente e nas projeções de futuro da autora. Já a terceira obra em análise, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, é parte de um outro contexto, no qual a autora confronta suas expectativas, realidades e frustrações no

⁴ RICH, Adrienne. “Notas para uma política da localização”. In: MACEDO, Ana Gabriela. (Org.). **Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo**. Lisboa: Cotovia Lda, 2002. P.15-36. p. 33.

⁵ A ginocrítica, ou melhor, *gynocritics*, termo original em inglês cunhado por Eliane Showalter, refere-se ao estudo das mulheres enquanto escritoras, cujo assunto é “a história, o estilo, os temas, os gêneros e as estruturas da escrita produzida por mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina, individual ou colectiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária feminina”. SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista no deserto”. In: MACEDO, Ana Gabriela. (Org.). **Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo**. Lisboa: Cotovia Lda, 2002. P.37-74. p. 45.

⁶ MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. (Orgs.). **Dicionário de crítica Feminista**. Porto: Ed. Afrontamento, 2005.

novo mundo em que tomara parte. Por meio desses 'testemunhos', e de outras fontes utilizadas, vislumbra-se um período, embora bastante fragmentado, de 50 anos da vida de Carolina, narrado por si e por outrem.

O FABULOSO MUNDO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina nasceu em Sacramento (Minas Gerais), em data incerta, possivelmente entre 1914 e 1921. Em *Diário de Bibita*,⁷ lançado primeiramente na França em 1982 e depois no Brasil em 1986, ela conta, por exemplo, que não conheceu o pai, soube por 'ouvir falar' que seu genitor fora um tocador de violão e compositor de versos de improviso, conhecido nas proximidades como o 'poeta boêmio'. A falta do pai, contudo, foi compensada pela forte influência de seu avô materno, o qual lhe transmitiu os valores judaico-cristãos, numa mescla de tradição religiosa oficial e popular, muito comum no interior do país na época. Além do avô, tiveram destaque em sua infância: a professora Lonita Solvina, que lhe ensinou a ler e a escrever, e o mulato Manoel Nogueira, oficial de justiça, que além de incentivar constantemente o povo negro a estudar, também lia em voz alta, à porta de sua casa, ao fim da tarde, as notícias do jornal *O Estado de São Paulo*, aproximando, desse modo, o povo simples, iletrado, dos acontecimentos nacionais e internacionais. Com efeito, por meio destas leituras Carolina teve seu primeiro contato com o 'mundo das letras' e com alguns discursos de Rui Barbosa que muito lhe inspiraram, sobretudo aqueles que diziam respeito à necessidade de instrução das pessoas negras, considerada essencial à promoção da liberdade e autonomia. Nesse sentido, a transcrição⁸ abaixo é emblemática, dentre outras coisas, por narrar a (idealizada) noção de 'cultura' que Carolina vai construindo, como algo sempre libertador, mensagem esta que será defendida em todos os seus escritos, não sem algumas frustrações; e também por evidenciar a empatia da pequena Carolina com Isaura, numa clara identificação com as condições de inferiorização da personagem do clássico de Bernardo Guimarães.

– Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

⁷ Consta na orelha do livro que o mesmo foi composto a partir de dois cadernos manuscritos entregues por Carolina, pouco antes de sua morte, a jornalistas que andaram a entrevistá-la. Não fica claro, contudo, em qual período os manuscritos foram escritos, diz somente “este livro não é fruto de uma preocupação artística - são apontamentos escritos nas horas livres de uma trabalhadora”. JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bibita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁸ As citações foram transcritas mantendo a ortografia original dos textos publicados.

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. [...] Deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão. [...] Eu lia o livro e retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler.⁹

Carolina narra que pôde frequentar a escola por somente dois anos, depois disso mudou-se de Sacramento com a mãe e o padrasto para uma fazenda próxima à Uberaba, onde trabalharam (Carolina inclusa) por quatro anos como colonos, até serem expulsos da terra. E é, a partir desse momento, que se deram início as muitas, longas e precárias migrações da família, geralmente à pé, em busca de trabalho e subsistência, num crescente empobrecimento e marginalização.

Vale recordar que naquele tempo e contexto, também pelo fato das famílias pobres serem numerosas e muitas vezes partilharem os mesmos espaços da casa, as crianças acabavam entrando em contato bem cedo com as problemáticas da vida adulta. Neste ambiente, favorável à mescla/confusão de situações, a pequena Carolina demonstra grande perspicácia ao perceber, prematuramente, as relações de poder e os conflitos existentes no mundo que a rodeia. Com menos de cinco anos de idade ela já parecia compreender a discriminação e subjugação da população negra em geral, e a condição de submissão das mulheres, em particular. E quando se revoltava vendo a precária condição feminina, reagia com choros e pedidos a Deus, à mãe, ao São Benedito, às cruzes de madeira ou ao arco-íris para se tornar homem.

Segundo a sua perspectiva infantil, havia grandes desvantagens em ser mulher: trabalhava-se muito e devia-se sempre obediência a algum homem: marido, irmãos, tios, dentre outros. Em contraponto, ela percebia como facilidades e vantagens na condição masculina o fato que estes possuíam força física e coragem, o que lhes permitia lutar pelo seu país (visto por ela como motivo de honra e nobreza), adquiriam bens e eram livres para fazer o que quisessem. À sua maneira, a pequena Carolina já percebia aquela dicotomia entre público e privado que historicamente proporcionou ao mundo masculino um maior exercício do poder pelo domínio da esfera pública, relegando às

⁹ JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bibita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 126-7, grifo do texto.

mulheres o espaço doméstico.¹⁰ Para ela, as únicas mulheres que tinham poder, além das patroas, esposas dos proprietários das grandes casas da cidade, eram as prostitutas. E, embora não compreendesse exatamente como estas últimas exerciam poder sobre os homens, percebia claramente a liberdade que elas tinham no vestir, no andar e no falar em público.

A narrativa utilizada em *Diário de Bibita* é reveladora da grande sensibilidade da autora na percepção e descrição do seu precário mundo, que seguramente era também o de outras/os. Mesmo que a obra não tenha sido organizada por ela, a escrita permanece com a mesma contundência de outras suas publicações. A narrativa se conclui quando Carolina consegue mudar-se para a cidade de São Paulo,¹¹ concretizando um sonho que vinha alimentando há algum tempo, apesar da grande pobreza, das enfermidades, humilhações e migrações vividas, numa lógica existencial perversa que jogava a seu desfavor. São Paulo era vista então como a cidade dos sonhos, progressista, moderna, aberta a acolher e a proporcionar boas condições de vida à toda gente. Com efeito, na obra, ela é idealizada como o lugar onde tudo poderia se concretizar: um trabalho menos precário, um salário melhor, a aquisição de uma casa, uma vida digna etc.

A mudança para São Paulo ocorreu em 1937. Nela, Carolina tivera vários trabalhos: camareira de hotel, vendedora ambulante, empregada doméstica, cozinheira, dentre outros. Entretanto, a primeira gravidez obrigou-lhe a deixar o trabalho como empregada doméstica e também a casa da patroa. Uma reforma urbanística na região onde passa a morar torna a situação ainda mais precária, pois ela é forçada a transferir-se novamente, desta vez para um barraco numa margem do Rio Tietê, local que se transformaria na Favela do Canindé (hoje extinta).

¹⁰ Embora no contexto infantil da autora, muitas mulheres trabalhassem 'fora' e tivessem certa independência financeira (mesmo que precária), o faziam sobretudo em outras casas, num ambiente doméstico, como empregadas, cozinheiras, lavadeiras etc. e, nesse sentido, acabavam por permanecer em larga medida na dicotomia público *versus* privado.

¹¹ A migração de Carolina e de outras pessoas, narradas em *Diário de Bibita*, dizem de situações bem notas na história brasileira deste período, vale dizer, *grosso modo*, a formação de grandes latifúndios com a 'expulsão' de inteiras famílias (pequenas proprietárias/meeiras) das terras e, conseqüentemente, o enorme êxodo para as grandes e médias cidades. Esse êxodo, em que a própria Carolina se viu partícipe, resultou no inchaço das cidades, no aumento da marginalização e no surgimento das primeiras favelas.

Quando seu primeiro livro *Quarto de despejo*¹² foi publicado, em 1960, Carolina tinha cerca de 46 anos, era mãe solteira de três crianças (de 12, 10 e 7 anos) e trabalhava há 12 anos como catadora de materiais recicláveis: papel, ferro, estopa etc. Os grandes sonhos iniciais que motivaram sua transferência a São Paulo não tinham sido ainda concretizados e a sobrevivência de sua família era conseguida de forma jornalreira, dependendo de algumas conjunturas favoráveis, como a ausência de chuvas e a existência de material a ser recolhido. O título escolhido para a obra reflete as percepções da autora sobre a 'divisão' excludente e desumanizadora da cidade, “... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visitas. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”.¹³

Se Gayatri Chakravorty Spivak chama a atenção para o duplo silenciamento perpetrado às mulheres do Terceiro Mundo, aquele de Carolina correu o risco de ser um silenciamento-limite, devido à sua condição de extrema subalternidade.¹⁴ Ao fato de ser 'apenas' uma mulher, somam-se as outras características historicamente adversas já citadas e, nesse sentido, de acordo com Marília Novais da Mata Machado, o ocorrido a Carolina foi fruto de “fortes determinações e, também, da operação do indeterminado”, se seus “escritos nos chegaram quase por acidente”, por outro lado, muitas vezes “a autora violou os códigos que sustentavam a imobilidade, perenidade e reprodução da desigualdade social no país, criando, assim, outras significações imaginárias sociais”.¹⁵ Esses códigos violados espelharam e foram espelhados por meio de sua escrita, mecanismo que permitiu a Carolina escapar ao silenciamento, socialmente imposto.

Carolina escrevia há vários anos e por diferentes meios (editoras nacionais e estrangeiras, redações de jornais etc.) tentara publicar seus manuscritos sem, contudo, obter sucesso. O tempo para a escrita (e leitura) era conseguido em noites de insônia, enquanto o feijão cozinhava, ou ainda em momentos outros, roubados aos afazeres

¹² Esta obra é originária da seleção de vários diários e compreende o espaço temporal de 15 de julho de 1955 a 1º de janeiro de 1960.

¹³ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p. 28.

¹⁴ O termo 'subalternidade', nesse contexto, relaciona-se ao que Spivak analisa em relação as condições desfavoráveis ligadas à raça, sexo, classe, dentre outras. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

¹⁵ MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário**. *Revista Psicologia Social (online)*, vol.18, n. 2, P.105-110 (p.105), mai./ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000200014&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 09-01-2016.

cotidianos. Os papéis utilizados para o 'ofício' eram aqueles encontrados nas ruas. Além dos diários, a autora dedicou-se também à escrita de poemas, romances, músicas, contos, provérbios etc., preferindo estas outras suas manifestações literárias àqueles. Com efeito, em *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*¹⁶ ela dizia frases do tipo: “Eu não sei o que êles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados”,¹⁷ confirmando que os diários (embora tenham lhe proporcionado sucesso e dinheiro) não refletiam, para Carolina, suas potencialidades e ambições literárias, talvez por narrarem um cotidiano visto como não poético e pobre em lirismo, na visão da autora.

Consideradas as já anunciadas condições de subalternidade da personagem-narradora – totalmente fora do cânone do meio literário brasileiro da época –, chama a atenção o sucesso quase inexplicável de *Quarto de despejo*, ainda mais “porque o livro espelhava precisamente as determinações de raça, classe social, escolarização, profissão, procedência, sexo e idade da autora. [...] A escrita era caótica, cheia de incorreções ortográficas, sintáticas e de pontuação”, como afirma Machado.¹⁸ Não obstante, o êxito foi extraordinário. Basta pensar que na época uma obra bem sucedida vendia quatro mil exemplares, e somente nos primeiros doze meses, *Quarto de despejo* teve uma vendagem de mais de 70 mil cópias. A crueza com a qual Carolina relata, tanto a rotina miserável da favela, quanto sua luta diária, solitária, em busca de alguns trocados para alimentar sua prole, fez com que, nas palavras de Luciana Paiva Coronel, “*Quarto de despejo* [fosse] divulgado por muito tempo como obra essencialmente de protesto, cuja maior virtude estaria na forte denúncia social que formulava. A conjuntura de politização crescente do início dos anos 60 favorecia esse enquadramento”.¹⁹ Nesse sentido, é possível afirmar que além da força intrínseca e

¹⁶ Este, a exemplo de *Quarto de despejo*, possui também a forma de diário autobiográfico e narra de 5 de maio de 1960 (dia da assinatura do contrato com a Livraria Francisco Alves para a publicação de seus primeiros diários) até 20 de maio de 1961. Neste ano, a vida de Carolina (e sua família) passou por mudanças radicais, ela transferiu-se da favela para uma casa na cidade, tornou-se famosa e passou a frequentar círculos da alta sociedade por todo o Brasil.

¹⁷ JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961. p. 28.

¹⁸ MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário**. *Revista Psicologia Social (online)*, vol.18, n. 2, P.105-110 (p.106), mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-> Acesso em 09-01-2016.

¹⁹ CORONEL, Luciana Paiva. **A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea (online)*, n. 44, P. 271-288 (p.274-

aterradora da escrita de Carolina, certa conjuntura sócio-histórica contribuiu para que a obra fosse aceita para publicação e, uma vez publicada, fosse utilizada como estandarte reivindicatório de melhorias para as/os habitantes da favela e percebido também como crítica (por grupos étnicos e políticos, tanto de esquerda, quanto de direita) ao período desenvolvimentista que se processava no Brasil de então.

Para além das apropriações que sofreu sua primeira obra publicada, o que importa aqui ressaltar é que para Carolina a escrita constituía o único modo possível para falar de si, para retratar-se. Nesse sentido, a escrita constante foi-lhe essencial naquele contexto/ambiente de situações-limite, “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”.²⁰ Consoante Maria Magnabosco, “Carolina se reconhecia pela narrativa, pelo desafio em ultrapassar pela palavra o obstáculo entre sua vida e a realidade sufocante da favela. Escrever para esquecer a fome, a dor, a miséria. Escrever para suspender temporariamente a ordem do trágico”.²¹ Coronel, por seu turno, chama a atenção para o fato que a escrita era também necessária à Carolina como um “verdadeiro mecanismo de criação de um plano imaginário de liberdade”,²² em meio à sua vida precarizada.

Fato é que Carolina, por meio da escrita, ao mesmo tempo que denunciava suas dificuldades de mulher e mãe, falava também de trabalho precário e políticas públicas desiguais, narrava suas estratégias para sobreviver naquele mundo que a excluía material e simbolicamente, mas também contava os pequenos gestos de solidariedade, de amizade e afeto, e ainda descrevia momentos mais intimistas como os sonhos, os amores, o canto e as danças com as suas crianças. Certa vez, ao contar sobre uma proposta de casamento recebida, faz a seguinte reflexão “eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode

5), jul./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/12517>. Acesso em: 15-01-2016

²⁰ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.19.

²¹ MAGNABOSCO, Maria Madalena. **As fronteiras da palavra em Carolina Maria de Jesus**. *Portal da Literatura Afro-brasileira*. Universidade Federal de Minas Gerais. s/a, s/p. Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/40/critica03.pdf>. Acesso em 05-01-2016.

²² CORONEL, Luciana Paiva. **A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea (online)*, n. 44, p. 271-288 (p.274), jul./dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/12517>. Acesso em: 15-01-2016

passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal”.²³

Carolina narra que, apesar de morar na favela, vários elementos a diferenciava do 'Zé Povinho' que ali residia, sobretudo o fato dela gostar de ler, escrever e se dedicar à 'cultura', algo percebido como emancipatório. Carolina se dizia uma artista. Devido a estas e outras características, ela era discriminada por várias pessoas do Canindé e, por sua vez, também as discriminava. Carolina, condicionada pela influência que tivera do avô na infância, criticava sobretudo o comodismo, o alto consumo de bebidas alcoólicas, a libertinagem, as correntes brigas e confusões e o 'tratamento injusto' que davam às suas crianças. A escrita do diário era assunto recorrente na favela, nas palavras de Carlos Vogt “O seu diário aparece frequentemente como uma espécie de livro de São Miguel, livro do juízo, onde ameaça anotar os comportamentos 'errados' de seus vizinhos”.²⁴ Várias citações tornam patente que o diário constituía-se numa 'arma' que causava certo medo às possíveis pessoas envolvidas, e conferia à sua protagonista narradora, ao mesmo tempo, grande autoridade e poder simbólico, como exemplificado pelo fragmento abaixo



Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

– Que crianças mal iducadas!

Eu digo:

– Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.

A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro [...].²⁵

Se em *Quarto de despejo* a marginalidade absoluta de Carolina lhe garantia também liberdade de expressão quase ilimitada, e ela se permitia criticar os chefes de governo, a elite nacional, as leis, o sistema socialmente excludente etc., indicando, muitas vezes, soluções para os problemas mais urgentes, o que se percebe em *Casa de alvenaria* é que, ao contrário, a fama, o novo círculo social que passou a frequentar, mas

²³ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.44.

²⁴ VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (O Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus). In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.204-213. p.210.

²⁵ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.17.

também o fato de 'representar' alguns grupos, fizeram-na em certo modo refém dessa 'nova Carolina', abafando quase totalmente sua voz crítica, fragilizando sua escrita reflexiva e questionadora do *status quo*. Contudo, ela ainda conseguiu deixar pistas sobre seus temores na época, “Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me”.²⁶

Com o dinheiro derivado da publicação do primeiro livro, Carolina conseguiu realizar o sonho de comprar uma casa fora da favela, fora do *Quarto de despejo*. Entretanto, a publicação de *Casa de alvenaria* não obteve sucesso e não lhe permitiu manter aquela nova situação de conforto. Em consequência disso, em 1964 ela e a família transferem-se a uma pequena chácara que havia comprado, cerca de 40 quilômetros de São Paulo. A aceitação da escritora subalterna, que atualmente é considerada a precursora da chamada 'literatura marginal' no Brasil, teve, à época, uma validade circunscrita e, com o tempo, Carolina foi esquecida pela mídia. A ascensão econômica inicial não significou uma ascensão (e aceitação) social. Permaneceu como um 'caso', uma espécie de brécha na hegemonia do mercado editorial brasileiro do período, fruto sobretudo das conjunturas da época, apesar de seu inegável talento. Fora do país, ao contrário, Carolina continuou a ser lida. *Quarto de despejo*, por exemplo, foi traduzido em 13 línguas e circulou em 40 países. A autora ainda publicou duas obras com recursos próprios, mas sem sucesso de vendas.

A ATUALIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Vale precisar que há alguns anos, sobretudo a partir dos anos 2000,²⁷ suas obras e a própria figura de Carolina vem se tornando cada vez mais frequentemente objetos de estudo na academia e fora dela. Importantes iniciativas estão sendo feitas, como aquela ocorrida no final de 2015, por exemplo, na qual Carolina foi homenageada no Museu Afro Brasil de São Paulo, com a exposição intitulada *Carolina em nós*. A população

²⁶ JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961. p.83.

²⁷ O site *Templo Cultural Delfos* em postagem intitulada *Carolina Maria de Jesus - a voz dos que não têm a palavra*, veiculada em 3 de maio de 2014, traz a referência completa dos diversos estudos acadêmicos que lhe foram dedicados, além de um material bem extenso e rico sobre a autora, com dados biográficos, cronologia, trechos de algumas obras, poemas, fotografias da época etc. FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Carolina Maria de Jesus - a voz dos que não têm a palavra*. Templo Cultural Delfos, maio/2014. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em 16-01-2016.

teve acesso gratuito à exposição, idealizada pelo grupo Ilú Obá de Min e patrocinada pela Caixa Econômica Federal e Governo Federal. Segundo Tâmara David, uma das coordenadoras da exposição, a intenção foi “reconhecer e dar a devida importância à figura de Carolina como escritora, não apenas por ela ser negra e catadora de material reciclável, mas por sua preciosa contribuição para a literatura brasileira”.²⁸ Com efeito, há um crescente reconhecimento de Carolina nesse aspecto, como demonstram as reflexões de Letícia Pereira Andrade (2007),²⁹ sobre a escrita literária do texto *Quarto de despejo* e a tese defendida por Aline Alves Arruda³⁰ sobre a existência de um verdadeiro projeto literário construído por Carolina, só para citar alguns exemplos.

A associação do nome de Carolina a movimentos sociais, nomeadamente aqueles feministas e/ou étnicos/raciais, tem reivindicado também sua memória como autora, negra e mulher, exemplo de luta e superação. Nesse sentido, uma aproximação de sua narrativa às teorias pós-coloniais, pode mostrar-se bastante frutífera, na medida em que, sobretudo em *Diário de Bibita*, a autora denuncia as muitas marcas do período colonial/imperial brasileiro, ainda presentes no contexto do início do século XX. Seu caso permanece, é inegável, como um importante exemplo de ascensão da mulher por meio do exercício da escrita, sobretudo se considerados os contextos sócio-históricos da autora e do país, na época.

Se Carolina, por um lado, devido a vários fatores e vivências, descrevia o mundo sob uma ótica de forte binarismo, por outro, ao contrário, exibia uma complexidade reflexiva (muitas vezes percebida como incoerente) que escapa a classificações e enquadramentos. Nesse sentido, a personalidade e as convicções de Carolina que transparecem nos diários podem ser vistas como multifacetadas e inapreensíveis, e se seu nome vem sendo associado, cada vez mais, a movimentos

²⁸ Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Cultura. Museu Afro Brasil. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/temporarias/detalhe?title=%22Carolina+em+N%C3%B3s%22>. Acesso 20-01-2016.

²⁹ ANDRADE, Letícia Pereira. **Isto é literatura?**. In: III Congresso de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul (CELLMS), IV Encontro de Pesquisa da Graduação em Letras (EPGL) e I Encontro de Pós-Graduação em Letras (EPPGL). 2007, Dourados. Anais...Dourados: Universidade Estadual Mato Grosso do Sul, 2007, p. 1-7. Disponível em: <http://docplayer.com.br/3167193-Anais-do-iii-cellms-iv-epgl-e-i-eppgl-uems-dourados-08-a-10-de-outubro-de-2007.html>. Acesso em: 10-01-2016

³⁰ ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

sociais, chamados 'grupos de minoria' é à sua revelia, embora essa 'apropriação' seja altamente pertinente. Há uma crescente percepção de Carolina como símbolo de empoderamento, como inspiração de luta contra o silenciamento e a não-sujeição étnica, sexual e de classe. Se se pensa, por exemplo, na sua condição de mulher e mãe, é inevitável observar que ela teve uma vida fora de qualquer molde social esperado. E, se, algumas vezes demonstrou certo conservadorismo em relação aos 'papéis de gênero' e refletiu pesarosa pela condição de sua prole, “Eles [suas crianças] não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sem um homem no lar”,³¹ ela foi, por outro lado, bastante crítica em relação à situação de penúria na qual vivia a maioria das mulheres que conhecia, suas vizinhas de barraco. Dizia preferir uma vida 'solitária' a uma vida de violências e humilhações conjugais e, como contrariava o esperado na época,³² era vista socialmente com desconfiança.

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impuseram eram horríveis.³³

Assim, não obstante a multiplicidade de relacionamentos afetivos, duradouros e/ou fugazes, Carolina recusou a se casar – apesar dos diversos pedidos que lhe foram feitos – e, sofreu, como mulher e mãe, as consequências desta decisão, tendo que empenhar-se duplamente para manter, sozinha, como pôde, a si, aos dois filhos e a filha. Desde menina, como já mencionado, ela percebia as submissões pelas quais as mulheres eram obrigadas a passar, caso não quisessem apanhar ou serem humilhadas. E nesse

³¹ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.19.

³² A pesquisadora Mary del Priore ressalta que desde o período colonial, nas classes econômicas mais baixas, o casamento oficializado sempre foi menos comum que naquelas mais altas. Questões como pobreza, precariedade, migrações constantes, alto índice de natalidade eram, ao mesmo tempo, causa e efeito dessa não-conjugalidade, fatores que influíam diretamente na vida das mulheres/mães, que muitas vezes se tornavam as únicas responsáveis pela criação da prole. PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1993.

³³ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.14.

sentido, Carolina reprovava até mesmo os comportamentos do avô, seu grande referencial infantil, quando este reproduzia os costumes machistas³⁴ de então.

Se na vida pública, pela sua condição de marginalidade extrema, Carolina era obrigada a se submeter ao trabalho exaustivo em condições desumanizadoras, na esfera privada, sexual e familiar, ao contrário, era ela quem estabelecia as regras do jogo, era a chefe da casa e decidia quem entrava e podia permanecer. O fragmento abaixo é interessante, pois mostra como Carolina, apesar de uma vivência afetiva precária, marcada por abandonos desde a infância, consegue ressignificar e refletir sobre seus interesses e desejos. Carolina diz ao senhor Manoel:

- Eu estava te chingando. O senhor ouviu?
- Não ouvi.
- Eu estava dizendo aos filhos que eu desejava ser preta.
- E você não é preta?
- Eu sou. Mas eu queria ser destas negras escandalosas para bater e rasgar as tuas roupas.
- ... Quando ele passa uns dias sem vir aqui, eu fico lhe chingando, e falo: quando ele chegar eu quero espancar-lhe e lhe jogar água. Quando ele chega eu fico sem ação.
- Ele disse-me que quer casar-se comigo. Olho e penso: este homem não serve para mim. Parece um ator que vai entrar em cena. Eu gosto dos homens que pregam pregos, concertam algo em casa.
- Mas quando eu estou deitada com ele, acho que ele me serve.³⁵

Também em relação aos dois filhos e à filha, conseguia ser firme e amável, ao mesmo tempo. É válido lembrar que Carolina assumia sozinha a função de figura materna e paterna com as suas crianças, ou seja, ela tinha que educar, impor limites, demonstrar compreensão, autoridade, carinho e tudo o mais. Sabe-se que, sobretudo nestes contextos marginais, a condição infantil se torna extremamente precária, já que as crianças acabam por permanecer muitas horas na rua, por si sós. Com efeito, Carolina narra constantemente suas angústias e temores que algo de ruim possa suceder às crianças em sua ausência. É por elas que sai todos os dias a catar papéis nas ruas, a

³⁴ Os termos 'machismo' ou 'patriarcado' possuem mais de uma acepção; como vocábulos de crítica feminista, referem-se à forma como os privilégios socialmente concedidos aos homens significam, obrigatoriamente, a opressão das mulheres, a quem os mesmos são negados. Nesse sentido, “a organização concreta de uma sociedade patriarcal implica uma constelação de vertentes, legais, económicas e sociais, que se combinam de forma a consolidar a autoridade masculina, independentemente do sistema social e político a que nos reportamos”. MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. (Orgs.). **Dicionário de crítica Feminista**. Porto: Ed. Afrontamento, 2005. p. 145).

³⁵ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p.119.

recolher as frutas e verduras descartadas no mercado público, a pedir ossos no frigorífico para a sopa... Um dos seus desejos mais profundos era conseguir algum dinheiro para comprar sapatos à filha Vera Eunice. A propósito de sua filha, sabe-se que o pai era um homem branco, de condição econômica boa, e que ela recebia uma espécie de pequena pensão mensal. Sobre os pais dos filhos, nada é mencionado nos diários.

Se em *Diário de Bibita*, a pequena Carolina demonstrava admiração pela 'condição masculina', o que indica claramente o reconhecimento da sua condição de poder e privilégios, ela, por outro lado, também condenava e questionava as ações masculinas, “Se os homens governam o mundo, ele nunca esta bom para o povo viver, por que não deixar as mulheres governarem? As mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens. Mas os homens são os pais dos homens, fazem guerras, e matam-se”.³⁶ Por meio dessas frases, Carolina reivindica uma forma alternativa de poder: um poder feminino, uma posição na esfera política e social às mulheres, e para isso, ela se utiliza de um argumento belíssimo e inspirador: uma mãe nunca mandaria seu filho a morrer na guerra.

Outro argumento digno de nota é a visão que Carolina tinha do seu corpo e de si mesma, como mulher. Afirmou em vários momentos, tanto em *Quarto de despejo*, quanto em *Casa de alvenaria*, que gostava de ser preta, muito embora percebesse que esse fato era visto, algumas vezes, como algo negativo e, em certas ocasiões, impediria-lhe de alcançar seus objetivos.

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

– É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.³⁷

De acordo com Mônica Horta Azevedo, “a despeito da marginalização étnica da qual é vítima, ela [Carolina] demonstra que tem autoestima elevada e que é capaz de admirar a si própria, que é capaz de aceitar suas características. Ainda que essas

³⁶ JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bibita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 51.

³⁷ JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963. p. 58.

características sejam, para o *Outro* com quem dialoga, elementos que a tornam um sujeito inferior”.³⁸ Nesse sentido, pode-se dizer que ela se percebe como positivamente 'outra', não somente em relação ao masculino, mas também em relação ao ideal fenotípico feminino da época, leia-se aquele europeu.

À época de seu sucesso editorial, início da década de 1960, embora houvesse muita reflexão literária e política na Europa e Estados Unidos sobre a condição de submissão das mulheres, as teorias feministas propriamente ditas estavam ainda em seu estado inicial. Certas batalhas já tinham sido ganhas em alguns países, como o direito ao voto feminino, por exemplo, entretanto, as contribuições específicas sobre as “noções de raça e racismo como vectores na definição do campo dos Estudos feministas”, principalmente na “abordagem do estatuto de minorias em sociedades multirraciais e multiculturais, não só no contexto americano mas em qualquer outra sociedade em que tais questões fossem relevantes”³⁹ ganhariam força decisiva somente nas décadas de 1980-90. E, mesmo se (sobretudo em *Diário de Bibita*, mas também em *Quarto de despejo*) as denúncias de Carolina e as reivindicações de condições mais dignas à comunidade negra no tocante ao acesso à educação, saúde, moradia, trabalho, dentre outros, podem ser aproximadas, de alguma maneira, à agenda *black feminism*,⁴⁰ ela não chega a comentar (teoricamente) sobre as lutas feministas. Carolina travava, por assim dizer, outras batalhas, também essenciais e urgentes: narrava a fome que afligia suas crianças e a si mesma, tirando-lhes o sono e impedindo-lhes de viver dignamente.

Machado anuncia que

Carolina sofreu os efeitos do rompimento com a continuidade. Não por acaso a chamaram de difícil, insubmissa, petulante, geniosa, atrevida, rebelde, transgressora, ousada, explosiva, agressiva, arrogante, desafiadora e, mais tarde, com seu sucesso em declínio, de

³⁸ AZEVEDO, Mônica Horta. **A representação do feminino heróico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de Despejo, diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus), Estamira e Estamira para Todos e para Ninguém (Marcos Prado), De Salto Alto e Tudo sobre Minha Mãe (Pedro Almodovar)**. 2012. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, Brasil, e (Doutorado em Português) Escola Doutoral Artes, Letras, Línguas da Universidade *Européenne de Bretagne/Rennes 2*, França. p. 112 (grifo do texto).

³⁹ MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. (Orgs.). **Dicionário de crítica Feminista**. Porto: Ed. Afrontamento, 2005. p. 74. BRAIDOTTI, Rosi. A diferença sexual como um projecto político nómada. In: MACEDO, Ana Gabriela (Org.). **Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo**. Lisboa: Cotovia Lda, 2002. P.143-160. p. 156.

⁴⁰ MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. (Orgs.). **Dicionário de crítica Feminista**. Porto: Ed. Afrontamento, 2005.

fracassada, vítima e louca. Mas chamaram-na também de terna, alegre e corajosa.⁴¹

Assim, se Carolina e seus escritos se oferecem a múltiplas interpretações, indica que ela incomodou e não foi silenciada; e a voz, ou melhor, a “voz-grito”⁴² que emerge de suas obras está aí para demonstrar e provocar reflexões. Isso é já uma importante luta/vitória feminista.

RECEBIDO EM: 11/08/2017

PARECER DADO EM 16/11/2017



www.revistafenix.pro.br

⁴¹ MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário.** *Revista Psicologia Social (online)*, vol.18, n. 2, P.105-110 (p.105), mai./ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000200014&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 09-01-2016.

⁴² CIXOUS *apud* MACEDO; AMARAL. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. (Orgs.). **Dicionário de crítica Feminista.** Porto: Ed. Afrontamento, 2005. p. 195.